UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

Série

Nº 183

Estudos em Saúde Coletiva

FLECK E O CONTEMPORÂNEO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS CONCEITOS COLETIVO E ESTILO DE PENSAMENTO

LÊONIA CAVALCANTE TEIXEIRA

ISSN 1413-7909

DEZEMBRO 1998

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

REITOR
ANTONIO CELSO ALVES PEREIRA

VICE-REITORA
NILCÉA FREIRE

INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

DIRETOR
RICARDO ANTONIO WANDERLEY TAVARES

VICE-DIRETOR
MARIO ROBERTO DAL POZ

Série
Estudos em Saúde Coletiva . **ISSN 1413-7909**
É UMA PUBLICAÇÃO DE TEXTOS PARA DISCUSSÃO DO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL DA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO,
DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.

EDITOR
GEORGE E. M. KORNIS

PRODUTORA EXECUTIVA
DEANE CASTELLIANO

ASSISTENTE EDITORIAL
MARCUS MACHADO

COPIDESQUE E REVISÃO
ANA SILVIA GESTEIRA

DESIGNERS
SILVIA STEINBERG
MARCELLUS SCHNELL

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
DANIELLE TAVARES

CONSELHO EDITORIAL
CID MANSO DE MELLO VIANNA *Depto. de Planejamento e Administração em Saúde*
LUIZ ANTÔNIO DE CASTRO SANTOS *Depto. de Políticas e Instituições de Saúde*
ROSELY SICHIERI *Depto. de Epidemiologia*

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ/SISBI/SERPROT

S485 Teixeira, Leônia Cavalcante.
Fleck e o contemporânea: considerações a partir dos conceitos coletivo e estilo de pensamento / Leônia Cavalcante Teixeira. - Rio de Janeiro: UERJ, IMS, 1998.
11p. - (Série estudos em saúde coletiva; n. 183)

ISSN 1413-7909

1. Epistemologia. 2. Ciência e filosofia. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. II. Título. III. Série.

CDU 616-058

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL

Série *Estudos em Saúde Coletiva*

FLECK E O CONTEMPORÂNEO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS CONCEITOS *COLETIVO* E *ESTILO* DE PENSAMENTO

LEÔNIA CAVALCANTE TEIXEIRA

ISSN 1413-7909

DEZEMBRO 1998 Nº **183**

FLECK E O CONTEMPORÂNEO: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE CONCEITOS *COLETIVO* E *ESTILO* DE PENSAMENTO **03**

Resumo/Abstract 03
Pensamento: *coletivos* e *estilo* 04
Pensando o momento contemporâneo 06
Referências bibliográficas 11

Fleck e o contemporâneo: considerações a partir dos conceitos *coletivo* e *estilo* de pensamento*

LEÔNIA CAVALCANTE TEIXEIRA

Resumo

Considerando os conceitos de Ludwik Fleck — coletivo *e* estilo de pensamento — *são postas questões sobre o momento contemporâneo enquanto forjador de subjetividades que reagem de modo mais aceitável às mudanças nos estilos epistemológicos, pelos quais já estamos aprendendo a nos pensar, que às mudanças nos estilos nos quais nos exercitamos enquanto sujeitos. Parece que entender a nós mesmos no campo do singular é ainda muito arriscado: temos que construir outras possibilidades para existir!*

Abstract

Considering the concepts of Ludwik Fleck — collective *and* thought style —, *some questions arise, on the contemporary moment, as forger of subjectivities that react on a more acceptable way to the change on the epistemological styles, which we've been learning to think about ourselves, than the changes of styles on which we exercise ourselves while subjects. It seems that understanding ourselves in the singular field is still very risky: we have to build up other possibilities in order to exist.*

* Este artigo é fruto das discussões realizadas na Disciplina "A Epistemologia de Ludwik Fleck", ministrada pelo Prof. Dr. Kenneth Camargo Jr., em 1998.

LEÔNIA CAVALCANTE TEIXEIRA PROFESSORA DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, DOUTORANDA EM SAÚDE COLETIVA (IMS/UERJ), MESTRE EM EDUCAÇÃO (UFC).

PENSAMENTO: *COLETIVOS* E *ESTILOS*

O desenvolvimento de um conceito pode ser seguido de diversas maneiras: a partir das diferentes nomenclaturas que vai adquirindo, sem a preocupação de serem historicizadas — o que permite pensar quase em uma luta, uma disputa por uma definição formal, esvaziada de maior significação para uma história das ciências que pretenda abranger a estrutura social das comunidades científicas, a produção de conhecimentos propriamente dita e as práticas discursivas, metodológicas e materiais das comunidades de pesquisadores; e a partir da historicização das ciências, de suas categorias, de suas práticas, de seus modelos explicativos hegemônicos. O primeiro modelo lida diretamente com uma perspectiva econômica de pensar e, nesse sentido, contrapõe-se à definição de ciência a partir de um conceito lógico.

Fleck opta pela segunda alternativa, partindo da produção de fatos científicos a partir de *coletivos de pensamento* — "unidade social da comunidade de cientistas em um campo determinado" (FLECK, 1986: 23) —, sustentando *estilos de pensamento* nos e a partir dos quais são gestados fatos e conceitos. O *estilo de pensamento* marca até a forma de se perguntar, o que se quer ao perguntar, o que se espera ouvir como resposta ou respostas, aliás, estas já são mais ou menos previsíveis, já que têm que ser "fantasiadas" no momento próprio em que as questões são formuladas, funcionando como condições de possibilidade. Enfatizando a condicionalidade histórico-cultural das opções conceituais tomadas como "naturais" em certas épocas pelas possibilidades de pensamento que lhe são próprias, afirma que, por exemplo, "o século XVI não era livre para mudar o conceito místico-ético da sífilis..." (FLECK, 1986). Também atribui a persistência de uma idéia no imaginário científico e social a partir do papel da tradição e da psicologia, e não das observações empíricas; ressaltando o forte caráter social da construção de um conhecimento. Nesse sentido, Fleck pode ser situado no mesmo patamar de interrogações contemporâneas sobre o conhecer, no qual se coloca como uma das premissas fundamentais o não-dualismo entre pesquisador e objeto de estudo.

Exemplifica com o caso da sífilis, cujo conceito pode ser construído desde o século XV, tendo sido o clima da Europa na época que levou a um aumento de epidemias e enfermidades em geral, incitando a atenção dos investigadores a pesquisar sobre a sífilis, momento que pode ser considerado como gênese do pensamento sifilidológico, que parte da sífilis entendida em seu caráter de mal venéreo até a sífilis enquanto entidade etiológica diferenciada. São destacados quatro momentos de pensamento em que os critérios de classificação da doença divergiram, entrecruzando-se nas experienciações tanto científicas quanto sociais:

1°) caráter venéreo pela astrologia e pela religião => entidade nosológica ético-mística;

2°) caráter farmacológico (mercúrio) => entidade nosológica empírico-terapêutico;

3°) caráter experimental-patológico => relação com outras doenças venéreas, principalmente gonorréia;

4°) entidade nosológica patogênica => agente etiológico da doença: bactéria *Treponema pallidum*;

5°) entidade etiológica diferenciada => definida pelo resultado — reação positiva — ao teste de Wassermann => nova interpretação do "sangue sifilítico", doença infecciosa => prática diferenciada do diagnóstico e do tratamento, doente sifilítico = *indivíduo Wassermann - positivo.*

Nesse sentido, Fleck acentua os estudos culturais das ciências, evidenciando que não há "o Método" e nem "a Ciência", tendo esta que ser entendida como atividade coletiva complexa que só pode ser apreendida a partir de múltiplos pontos de vista: filosófico, histórico, antropológico, sociológico... Sugere um Programa de Epistemologia no qual a produção de fatos científicos seja entendida por uma pluralidade de enfoques que denunciam especialidades constituintes dos *coletivos de pensamento*, científicos ou leigos (abertura para o saber popular), específicos ou gerais. Sua contraposição ao modo iluminista de conceber o pensamento fica bem evidenciado, pois que não compartilha a idéia de pensamento "livre", enfatizando as contingências de sua produção.

Tal modo de constituição de um fato ou de uma idéia imprime um olhar dirigido e não ingênuo, que guia a percepção e a elaboração teórica, captando nuances de um objeto que, provavelmente, outros olhares perderiam; contudo também perdendo, já que não percebe o mesmo objeto em um *estilo* de um *coletivo* que não seja o seu, por não possuir outras possibilidades perceptivas e técnicas. Assim, entre os grupos de pesquisadores constituídos por e constituintes de um *coletivo*, não há comunicação clara, pois cada um se norteia por solos de entendimento diversos, tendo histórias diferentes. A circulação de idéias entre *coletivos de pensamento* funciona como um incentivo para a permanente inovação nas ciências e na sociedade, nunca sendo possível a conformidade, a estabilidade.

O processo coletivo de elaboração de um fato científico se dá a partir de idéias científicas e de conceitos leigos, cotidianamente compartilhados. Daí o interesse de Fleck em enfatizar os conteúdos e as fronteiras — internas e externas — das doenças, suas origens sociais em diferentes culturas e em diferentes períodos devendo ser consideradas por uma epistemologia que reconheça a complexidade do conceito de doença, de doente e de agente, situando-os em relação às crenças e as práticas de cada época.

Latour e Woolgar sustentam, de um modo interessantemente novo, as teses de que até mesmo o fato científico desenvolvido no mais "científico" dos laboratórios é marcado pelo caráter de ser construído socialmente, "caráter idiossincrático, local, heterogêneo, contextual e diversificado das práticas científicas" (LATOUR E WOOLGAR, 1997 : 160). Continuam escrevendo: "o resultado da construção de um fato é que ele não parece ser construído" (LATOUR E WOOLGAR, 1997 : 272). O fato científico perde seu caráter de natural, de fixidez, de permanência, adquirindo sentido quando inserido em um campo mais amplo de análise, no qual deve ser acentuado o seu caráter coletivo de construção.

É interessante tentar articular as questões aqui levantadas a partir da proposta epistemológica de Fleck, com a perspectiva de entendimento das instituições sociais como gestadas no próprio movimento fundamental de autocriação da sociedade, de acordo com CASTORIADIS (1982). Aqui não há a pretensão de trabalhar a "elucidação"

desse autor sobre sua perspectiva do imaginário como radical, como "criação incessante e indeterminada (social, histórica e psíquica) de figuras / formas / imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de 'alguma coisa'" (CASTORIADIS, 1982), mas tão-somente arriscar um entendimento da interessante obra de Fleck para sua época, podendo esta ser iluminada pelas elaborações de nossos contemporâneos.

Castoriadis enfatiza permanentemente o caráter político de toda e qualquer abordagem teórica, afirmando que

> "... a idéia de ficção pura é aqui ficção incoerente. Não existem lugar e ponto de vista exteriores à história e à sociedade, ou 'logicamente anterior' a estas, onde nós pudéssemos nos situar para fazer sua teoria — inspecioná-las, contemplá-las, afirmar a necessidade determinada de seu ser-assim, 'constituí-las', reflexionar ou refleti-las em sua totalidade. Todo pensamento da sociedade e da história pertence em si mesmo à sociedade e à história. Todo pensamento, qualquer que seja ele e qualquer que seja seu 'objeto', é apenas um modo e uma forma do fazer social-histórico" (CASTORIADIS, 1982).

A ciência e a filosofia se articulariam permanentemente, já que o lugar do cientista é, eminentemente, o lugar das interrogações sobre os fundamentos — se é que esse termo é pertinente, já que aponta para uma perspectiva retroativa determinista — do existir, do viver. A relação filosofia-ciência não deveria se afirmar com a primazia de um dos dois campos, mas com a constituição propriamente de um campo complexo, no qual as questões estejam em movimento, em fluição, com os paradoxos característicos da complexidade do ser. Assim, as questões da ciência são erguidas fora do entendimento restrito do termo, no campo da filosofia, no campo da ética.

Quando Fleck acentua os coletivos de pensamento científicos e leigos, penso que ele aponta para algo que só depois vai começar a ser problematizado, com mais persistência e ênfase, pelos campos da ciência e das humanidades: o lugar dos saberes populares, dos mitos, das lendas, dos provérbios e dos dizeres cotidianos, dos homens "comuns" em suas vidas "comuns". Nesse sentido, o estatuto do que deve ser considerado como fonte propulsora de construções sobre o mundo passa a ganhar em complexidade, em riqueza, pois possibilita reflexões mais ágeis e densas, menos reducionistas. É uma abertura para que perguntas inéditas sejam formuladas e inusitadas tentativas de elucidações sejam arriscadas. É a possibilidade, defendida por um *homem de ciência* de 1934, de serem construídos estilos de pensamento plurais e não apenas os predominantemente comprometidos com uma lógica moderna de entendimento do mundo: a lógica racional que, segundo Castoriadis, expressa-se pela lógica conjuntista-identitária, fora da qual nada tem lugar.

Pensando o momento contemporâneo

A ruptura com o cartesianismo derruba as características de unitariedade, de representabilidade, de indivíduo finalizado, de substância. Tal contraste é impulsionado, principalmente, pela noção de objeto complexo: complexibilidade do real e, com isso, sua imprevisibilidade, autonomia, pluralidade, auto-organização. O pensar somente em termos absolutos cultuado pelos pilares newtonianos não tem mais lugar, como

também a idéia de paradigma, no sentido de que não existe mais a possibilidade de um modelo único. As idéias de criação e de processualidade não são mais sufocadas pelo determinismo racionalista. Este ainda tem seu lugar, ainda ergue arranha-céus, lança foguetes e satélites...; porém, não se consolida mais como a única forma de vínculo possível aos fenômenos. O real é, então, impossível de ser tomado em sua completude, passa a ser percebido enquanto condições de possibilidade, no campo do potencial.

Com a mudança no eixo do paradigma da subjetividade teocêntrica, o homem moderno, dotado de razão, constitui-se na idéia de completude, de que "dá conta" de si e de que tudo que venha a colocar em xeque a "língua" oficial de sua identidade (razão) é percebido como estranho a ele, já que é estranho aos modelos racionais de entendimento.

Assim, o homem moderno é identitário; o outro, alheio, o estranho não o questiona enquanto identidade. A ciência é construída para abarcar, explicando e prevendo, o universo e o próprio homem, ou melhor, "purificando-os" de todo o obscurantismo.

Bem, apesar de o "delírio" moderno ser marca de todas as nossas formas de ser, existir e estar no mundo, a falência das promessas iluministas da salvação pela razão já é, há muito, experienciada intra e intersubjetivamente, sendo ressaltada pelo mal-estar no qual todos estamos mergulhados.

A razão não vem nos satisfazendo, no sentido de aliviar-nos desse mal-estar (mal-estar na Cultura, em Freud; mal-estar na Modernidade, em Rouanet). Outros modos de subjetivação vêm sendo pensados e experienciados, a partir de uma outra postura frente ao estranho, ao alheio, ao outro em nós. Outras formas de existência surgem, buscando considerar a alteridade como irredutível, o estranho como não-passível de conhecimento e dominação, a subjetividade enquanto construção não-identitária, isto é, não centrada narcisicamente em um modelo de unidade.

A incompletude de toda e qualquer pretensão de apreensão do real, o engodo das perspectivas identitárias reducionistas e totalizadoras encaminham nossos olhares para um *ethos* que suponha a razão, mas que não se fecha nela. É nessa perspectiva que o questionamento de uma ética racional se faz pertinente, já que o universalismo e a base cognitivista não possibilitam uma ruptura com o paradigma moderno, impedindo de pensar a pluralidade dos discursos, já que signatários da visão iluminista.

SANTOS (1990) escreve:

> "... essa crise é irreversível (...), que estamos a viver um período de revolução científica que se iniciou com Einstein e a mecânica quântica, e não se sabe ainda quando acabará (...) que os sinais nos permitem tão só especular acerca do paradigma que emergirá desse período revolucionário, mas que, desde já, se pode afirmar com segurança que colapsarão as distinções básicas em que se assenta o paradigma dominante".

É a pretensão de escapar das amarras de um *ethos* racional que o situa no campo do singular, do imprevisível, do processual, do intersubjetivo... É o estranho que nos habita que pede lugar, apontando-nos para a incompletude. Esse percurso não ocorre à toa, gratuitamente; temos um preço a pagar: perder a arrogância de achar que tudo podemos conhecer e dominar, que o mundo está a nossos pés. Esse delírio moderno de

um saber total disponível a todos cede ao reconhecimento da dificuldade de fundamentar uma ética universal, o que não significa que possamos prescindir da razão.

TAVARES D'AMARAL (1996 : 11) nomeia esse momento, "que não é moderno nem contemporâneo", de Atualidade, tempo em que as certezas do mundo moderno coexistem com a surpresa, com o novo, com a alteridade. Falar de Atualidade é abordar o paradoxo moderno/contemporâneo, o entrecruzamento da modernidade e contemporaneidade. É o momento de crise: crise na e da modernidade, crise na e da contemporaneidade. A pós-modernidade não é a superação da modernidade, são atitudes que coabitam o mundo e que nos constituem.

Intra e intersubjetivamente, somos construídos dialeticamente enquanto homens modernos e contemporâneos: convivem, em nós mesmos, o estranho e o terror a esse estranho, o homem contemporâneo e o homem moderno. E, com isso, o repensar da noção de indivíduo, de totalidade e de tempo se fazem necessários. Esse paradoxo civilizatório atual marca nossas subjetividades, ou melhor, é a tensão entre os modos de subjetivação moderno e pós-moderno que nos caracteriza, jogando-nos nas tramas históricas e discursivas.

Portanto, a contemporaneidade é um momento civilizatório em que coabitam atitudes norteadas tanto pela capacidade de entendimento racional quanto pela possibilidade de apreensão do real a partir da consideração de sua complexidade irredutível ao crivo racionalista; isto é, enquanto marcada por esse paradoxo, contribui para a falência da pretensão de um *ethos* universal; a alteridade reivindica um olhar que não a confisque à margem da civilização, mas que a considere enquanto constitutiva dos processos de subjetivação.

FIGUEIREDO (1994 : 43-44) e PLASTINO (1996 : 14) lembram a ética entendida enquanto habitação, morada, lugar para se estar, para existir no mundo, viver, um lugar na sociedade. Nesse sentido, é um lugar outro que tentamos construir; um espaço diverso do que habitávamos nos momentos de hegemonia da razão, uma morada que possibilite nossas diferenças, nossas singularidades, nossas experienciações, racionalizáveis ou não. É uma nova casa que estamos erguendo, uma casa que abrigue nossas falhas, nossas contradições, nossos paradoxos moderno e contemporâneo; uma casa que nos subjetive e que seja subjetivada pelos nossos devires.

Assim, a marca teórica que vem se consolidando, cada vez mais, como tema recorrente nos escritos nas mais variadas áreas em seus mais variados aspectos, pode ser sintetizada pela ênfase na busca pela singularidade. Talvez seja prioritariamente a partir da esfera das ciências contemporâneas consideradas "duras" que os pressupostos constituintes dos modos de nos subjetivarmos estão sofrendo forte represália.

Estar no mundo, na atualidade, exige que idéias como as de substância, coesão, unidade, progresso, reversibilidade e previsão perdem seu estatuto de supremacia, sendo seus objetos focalizados por outro olhar que permite sua valorização como complexidade, dispersão, processo, inacabamento... O singular na ciência é a tônica: em laboratório e na "vida real", o horizonte migra para dentro do presente, não no sentido de uma perspectiva de progresso, de aperfeiçoamento antecipadamente reconhecível, mas pela consideração diversa dos conceitos de indivíduo, de totalidade e de tempo.

A ênfase no singular e no irredutível a sistemas teórico-metodológicos fixos reivindica transformações radicais nas ciências, porém melhor falar em saberes contemporâneos que incluem o científico sem percebê-lo como único substrato e instrumento do conhecer, que também não se reduz à sua vertente epistemológica, abrangendo modos processuais alheios a qualquer tentativa de apreensão pelas capacidades da consciência. Assim, a atitude moderna pode ser contada pela história da ciência até o final do século XIX e começo do século XX, constituindo na grande narrativa na qual nos situávamos enquanto sujeitos epistêmicos e prático-morais. É essa forma hegemônica de nos situarmos perante o mundo e, prioritariamente, perante nós mesmos, que está se diluindo em possibilidades plurais de reivindicações heterogêneas de conhecimento a partir da consideração não somente do novo, e até mesmo do radicalmente novo, mas do que já operava e não era passível de reconhecimento: o não-familiar.

É considerando que falar em singularidade está para o que estamos nos habituando a chamar de contemporaneidade, assim como falar em identidade está para uma atitude moderna, que acreditamos ser não só importante, porém necessário, o esforço de não ceder às tentações de pensar os movimentos naturais-humanos que nos estão sendo passíveis de entendimento epistêmico-metodológico, como fetiches de um novo modo de ser e de existir.

Tal consideração parte de dois pontos fundamentais: um novo modo não garante um modo diferente, podendo continuar na reedição do já existente com outra roupagem e, no campo da experienciação subjetiva, a frenética busca pelo singular pode, talvez em represália, como forma de defesa e garantia subjetivas, precipitar o recrudescimento da identidade enquanto suporte privilegiado para o subjetivo. Nesse sentido, o risco de reificar e fetichizar nosso momento, a partir da tentativa de inserir todos os movimentos que nos incitam em algum espaço único, seja teórico, metodológico ou experiencial e se torna vigoroso à medida que nosso mal-estar toma proporções, cada vez mais, calamitosas e epidêmicas.

Consideramos que nosso empenho na tentativa de entendimento dos que nos chegam por suas mais variadas formas — em vez de buscar descobertas progressivamente mais completas ou explicações lineares para fenômenos e para eventos —, possibilita-nos uma consideração de nós mesmos e do mundo que prescinda da necessidade e até da urgência de construir um novo modo de nos explicar, o que torna esse movimento subjetivo pouco fácil — muito pelo contrário! — e rápido. É preciso serenidade, para antes de nos apegarmos a respostas estandardizadas e caricaturais, encararmos a difícil tarefa de nos colocarmos questões que talvez não encontrarão, com a facilidade e imediatez que desejamos, respostas.

É propriamente no campo da experienciação subjetiva que se coloca esse desafio, já que as possibilidades abertas pelo saber científico nos mostram mundos e galáxias, nas esferas do macro e do micro que, sem maiores dificuldades, aceitamos em termos do apelo e incitação cognitiva que nos fazem, colocando-nos, na maioria das vezes, na posição de deslumbrados frente a tamanha maravilha!

É no plano do experienciar-se que a promessa de uma completude, seja ela por quais meios forem, seduz: a descentração, a incomensurabilidade e a processualidade

do universo não nos é tão simples intra e intersubjetivamente! Nesse sentido, acentuamos que é em relação a uma atitude que se transforma, que nos dirijimos às expressões: contemporaneidade, pós-modernidade, transição, paradigma emergente, atualidade... Não que cada termo não tenha importância, pelo contrário, cada um carrega o peso de um modo de vislumbrar o nosso momento, cada um denuncia um viés no nosso estilo — em transição — de pensamento; porém, mais que permanecer nas designações, penso que a auto-reflexão sobre os modos de nos subjetivarmos moderna e contemporaneamente é que pode oferecer visões amplas, tais quais os vigorosos movimentos da vida nos exigem. É enquanto um momento histórico cujo modo de sensibilidade se mostra extremamente rico que a necessidade de remetaforizar é pulsante: qual ou quais metáforas nos são possíveis?

Aliás, conceber o nosso momento atual como forjado por metáforas, por ficções, já denuncia nosso modo de nos perceber, de pensar e de nos questionar sobre nós mesmos. Essas nossas perguntas, tão contemporâneas, nos remetem a uma exigência que está, cada vez mais, pesando sobre nós: a de questionar sobre a vida, sobre a morte, sobre o afeto, sobre o adoecer... É o nosso estatuto enquanto homens que está em jogo.

Parece que o nosso *coletivo*[3] de pensamento, dito por uns como pós-moderno, por outros como ultramoderno, atual, é muito mais corrente nas nossas vidas, pelo menos, muito mais bem acolhido, quando é abordado nos coletivos de pensamento científicos, isto é, quando trabalhados epistemologicamente. Quando nos coloca na berlinda, de termos que questionar os modos "tradicionais" de nos definir e de nos posicionar no mundo, não parece ter a mesma simpática acolhida que quando nos colocamos a par dos fascinantes avanços na cosmologia, na mecânica quântica, na etologia, na biologia molecular...

Assim, penso que toda essa discussão, que nos fascina e amedronta concomitantemente, situa-se, prioritariamente, no campo da ética, pois que são questões sobre a vida, o homem, o conhecimento, a verdade, o Bem...

3. Pensado aqui em termos "macro".

Referências Bibliográficas

CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, C. *As Encruzilhadas do Labirinto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.

CASTORIADIS, C. *Ciência e Imaginário*. Centre de Recherche sur l'Imaginaire. Brasília: UnB, 1994.

FIGUEIREDO, L. C. *Revisitando as Psicologias* — Da Epistemologia à Ética: Prática e Discursos Psicológicos. Rio de Janeiro / São Paulo: Vozes / EDUC, 1994.

FLECK, L. *La Génesis y el desarrollo de un hecho científico*. Madri: Alianza, 1986.

LATOUR, B. e WOOLGAR, S. *A Vida de Laboratório* - A Produção dos Fatos Científicos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

PLASTINO, C.A. *Os Horizontes de Prometeu* - Considerações para uma crítica da Modernidade. Rio de Janeiro: UERJ / IMS, 1996 (Série *Estudos em Saúde Coletiva*, 141).

SANTOS, B. de S. *Um Discurso sobre a Ciência na Transição para uma Ciência Pós-Moderna*. 9 ed. Porto: Afrontamento, 1997.

TAVARES D'AMARAL, M. *Contemporaneidade e Novas Tecnologias* Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

TAVARES D'AMARAL, M. O Vigor da Cultura Comunicacional: o paradoxo moderno-contemporâneo. In: TAVARES D'AMARAL, M. *Contemporaneidade e Novas Tecnologias*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

ENVIO DE ARTIGOS, VENDAS E PERMUTAS
SÉRIE: ESTUDOS EM SAÚDE COLETIVA
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL - UERJ
RUA SÃO FRANCISCO XAVIER, 524 - 7º ANDAR - BL. D
MARACANÃ - RIO DE JANEIRO - RJ - CEP 20.559-900
TEL.: (021) 587-7303 / 587-7572 / 284-8249
FAX.: (021) 264-1142
E-MAIL: SERIEIMS@UERJ.BR

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
GRÁFICA DA UERJ

SÉRIE ESTUDOS EM SAÚDE COLETIVA
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE TEXTOS

1. APRESENTAÇÃO DE TEXTOS

Os textos, quando entregues ao Depto. de Publicações do Instituto de Medicina Social da UERJ, devem atender às seguintes exigências:

1.1. estar escritos na língua portuguesa e tratar de temas ligados, preferencialmente, à saúde e políticas públicas e sociais;

1.2. ser apresentados em disquetes 3½, acompanhados de 3 (três) cópias em papel, tendo sido digitados em *Word for Windows;*

1.3. constar de no mínimo 20 e no máximo 70 laudas (30 linhas com 70 toques por linha); casos excepcionais serão julgados pela Editoria da Série;

1.4. estar acompanhados de sumário e de resumos em português e em inglês, com 100 a 200 palavras cada, e apresentarem um mínimo de três palavras-chave descritoras do conteúdo, também em português e em inglês;

1.5. estar acompanhados de apresentação dos autores (qualificação profissional e vínculos institucionais);

1.6. as NOTAS deverão ser apresentadas no pé das páginas e as REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS deverão ser apresentadas ao final do artigo, em páginas específicas destinadas a este fim;

1.7. as NOTAS deverão ser numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos;

1.8. os GRÁFICOS e TABELAS deverão ser numerados consecutivamente, em algarismos romanos;

1.9. poderão ser feitas citações no texto, somente indicando o último sobrenome do autor citado, o ano de publicação e página (quando for o caso), entre parênteses. Ex.: (Litton, 1983, p.75);

1.10. as REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS devem ter as indicações necessárias à perfeita identificação das obras, de acordo com as normas da ABNT. Exemplos:

Para livros

DIAS, Gonçalves. *Gonçalves Dias*: poesia. Organizada por Manuel Bandeira; revisão crítica por Maximiano de Carvalho e Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1983. 87 p. (Nossos Clássicos, 18)

Para artigos

MOURA, Alexandrina Sobreira de. Direito de habitação às classes de baixa renda. *Ciência e Trópico*, Recife, v. 11, n.1, p. 71-78, jan./jun. 1983.

Para capítulos de livros

LAYTON, E. Conditions of technological development. In: SPIEGEL, Ina, PRICE, Derek de Solla. *Science technology and society*; a cross-disciplinary perspective. California, Sage, 1977. p. 197-222.

Para trabalhos publicados em Anais

CORDEIRO, Rosa Inês de N. Descrição e representação de fotografias de cenas e fotogramas de filmes: um esquema de indexação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16. 1991. *Anais*... Salvador: APBEB, 1991. v. 2, p. 1008-1022.

2. INDICAÇÃO E PARECER EDITORIAL

2.1. os textos, quando de autoria de alunos, deverão estar acompanhados de indicação para publicação, por escrito, emitida por professor do IMS;

2.2. todos os textos apresentados para publicação serão submetidos a parecer de pelo menos um membro do Conselho Editorial ou de consultor que a Editoria da Série considere oportuno convidar, de acordo com suas especificidades. A indicação apontada no item 2.1) não exclui a emissão do parecer aqui referido.

3. REVISÃO E AJUSTES DOS TEXTOS

3.1. nos casos de aprovação com ressalvas, os textos serão devolvidos aos autores para revisão e alteração, a serem realizadas no prazo máximo de 10 (dez) dias;

3.2. após aprovação para publicação, os textos serão submetidos a profissional qualificado para dar procedimento ao copidesque, que deverá ser revisto pelos autores no prazo máximo de 5 (cinco) dias;

3.3. os textos alterados ou revisados, devolvidos pelos autores em prazos superiores aos determinados nos itens 3.1 e 3.2, serão publicados de acordo com novo cronograma de produção a ser definido pela Editoria da Série.

4. PRIORIDADE

Será prioritária a publicação de textos de autoria de professores e alunos do Instituto de Medicina Social da UERJ.

5. EXEMPLARES PARA OS AUTORES

Os autores terão direito a 10 (dez) exemplares gratuitos dos números da Série em que constem seus textos.

6. CASOS OMISSOS

Os casos omissos serão analisados pelo Editor da Série.

Textos Publicados em 1998

160. **VII Seminário do Projeto Racionalidades Médicas: Medicina Tradicional Chinesa**
Madel T. Luz - coordenadora

161. **Relatórios de Pesquisa - Reforma em saúde no Brasil: Programa de saúde da família; a experência de Cotia (SP)**
Ana Luiza D'Ávila Viana e Mario Roberto Dal Poz coordenadores

162. **Relatórios de Pesquisa - Reforma em saúde no Brasil: Programa de saúde da família; a experência de Baturité**
Ana Luiza D'Ávila Viana e Mario Roberto Dal Poz coordenadores

163. **Relatórios de Pesquisa - Reforma em saúde no Brasil: Programa de saúde da família; a experência de Barbacena**
Ana Luiza D'Ávila Viana e Mario Roberto Dal Poz coordenadores

164. **Relatórios de Pesquisa - Reforma em saúde no Brasil: Programa de saúde da família; a experência de Cocal do Sul**
Ana Luiza D'Ávila Viana e Mario Roberto Dal Poz coordenadores

165. **Relatórios de Pesquisa - Reforma em saúde no Brasil: Programa de saúde da família; a experência de Olinda e Trindade**
Ana Luiza D'Ávila Viana e Mario Roberto Dal Poz coordenadores

166. **Relatórios de Pesquisa - Reforma em saúde no Brasil: Programa de saúde da família; Informe Final**
Ana Luiza D'Ávila Viana e Mario Roberto Dal Poz coordenadores

167. **Comparação de representações de corpo, saúde e doença e tratamento em pacientes e terapeutas de Homeopatia, Acupuntura e Biomedicina**
Madel T. Luz

168. **VII Seminário do Projeto Racionalidades Médicas: Biomedicina**
Madel T. Luz - coordenadora

169. **Educação em Saúde e Qualidade de Vida: para Além dos Modelos, a Busca da Comunicação**
Mônica de Assis

170. **Série Didática - Medicina, Médicos, Doenças e Terapêutica: Exame Crítico de Alguns Conceitos**
Kenneth Rochel de Camargo Jr.

171. **Alguns Elementos Teóricos para a Análise da Reabilitação da Pessoa Portadors de Defieciência Física**
Israel Cruz Velandia e Jane Dutra Sayd

172. **Dois Tópicos para uma Discussão sobre Medicina e Ciência**
Kenneth Rochel de Camargo Jr. e Maria Inês Nogueira

173. **Origens da Medicina Contemporânea: uma breve resenha**
Jane Dutra Sayd

174. **O Medicamento na Visão da Imprensa Escrita**
Marilene C. do Nascimento, Daniela S. Martinez e Madel T. Luz

175. **Descentralização das Ações e Serviços de Saúde no Brasil e a Renovação da Proposta "Saúde para Todos"**
Jairnilson Silva Paim

176. **Ouvindo a Natureza: uma Crítica ao Fisicalismo Reducionista**
Alexandre A. Ribeiro Wanderley

177. **Seminário de Cultura, História e Política - Questões de Pesquisa e Política Institucional**
Influências da Biometria na Crise de Atenção à Saúde: a Dicotomia entre a Doença do Médico e a Doença do Doente
Charles D. Tesser, Madel T. Luz e Gastão W. S. Campos

178. **Seminário de Cultura, História e Política - Questões de Pesquisa e Política Institucional**
A Estrutura do Campo Médico Homeopático do Rio de Janeiro: Reflexões sobre a Produção do Conhecimento Homeopático como Elemento Básico de Estruturação Institucional Sistêmica do Campo
Carla Romilda Loucas e Madel T. Luz

179. **Seminário de Cultura, História e Política - Questões de Pesquisa e Política Institucional**
A Medicina Homeopática na Rede Pública: o Caso do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria
Gissia Gomes Galvão e Madel T. Luz

180. **Seminário de Cultura, História e Política - Questões de Pesquisa e Política Institucional**
A Intuição na Prática Médica: Contribuições da Filosofia ao Campo da Saúde
Maria Beatriz L. Guimarães, Marcelo Peloggie e Madel T. Luz

181. **Seminário de Cultura, História e Política - Questões de Pesquisa e Política Institucional**
Doença Crônica na Infância: "Remédios". Análise de Alguns Recursos Terapêuticos
Maria Martha Duque de Moura, Flávia Tuddei Conte e Madel T. Luz

182. **A Epistemolocia de Fleck e a Formação Médica**
Rachel Aisengart Menezes